

## **RAZÃO E FÉ NA CONTEMPORANEIDADE**

*Lia Guarino<sup>1</sup>*

### **Introdução**

Vivemos uma crise cultural na medida em que os valores estabelecidos pela moral foram abalados. Justiça, Beleza, Bem e Mal eram parâmetros que orientavam a vida do homem ocidental. Havia um norte para o comportamento, para as artes, para a conduta, para a educação em geral. O Ocidente vive esta crise desde o Renascimento quando a hegemonia do catolicismo perdeu terreno para o protestantismo, quando a ciência se mostrou mais eficaz que a religião, quando a tecnologia superou a magia, quando o mercado aboliu as fronteiras territoriais, quando as artes ganharam outro sentido que não o religioso, enfim, quando a modernidade se instalou na cultura. Há inclusive pensadores, como Nietzsche, que definem a modernidade como o acontecimento da “morte de Deus”, como o fim da religiosidade na medida em que o homem passou a ser o centro, o legislador dos valores, das regras sociais, a referência fundamental.

No entanto, se observarmos os acontecimentos do início do século XXI, veremos que as seitas, as guerras religiosas, os fundamentalismos se multiplicaram pelo mundo afora de forma assustadora causando muita confusão, violência e mesmo a guerra.

Então é preciso se perguntar se este diagnóstico da morte de Deus, proposto por Nietzsche, no final do século XIX, procede, ou se ele precisa ser revisto.

### **1. A morte de Deus e o humanismo moderno**

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: liagua@ig.com.br

A religiosidade judaica-cristã atravessa e quase se confunde com a história do Ocidente. A idéia de um além, de uma transcendência existente, única, criadora do mundo, faz parte de nossa formação ocidental. É claro que no Brasil, país onde muitas culturas se misturam, há outras religiosidades como o candomblé, a umbanda, o espiritismo, etc. Mas a religião dominante é a monoteísta herdada da Europa. Não cabe aqui estabelecer diferenças entre judaísmo e cristianismo. O fato é que todas duas falam de um além, de uma transcendência salvadora, de um lugar outro no qual não há sofrimento, dor, doença, mal-estar etc. O além da vida promete uma paz, um sossego que não encontramos em nosso cotidiano. Nietzsche diagnosticou esta fantasia do além como sendo de uma vontade não afirmativa da vida, que nega a vida em nome de outro mundo.

Com a modernidade, teria havido o desaparecimento desta idéia de Deus e teria surgido a idéia de Homem, criador da cultura de direitos, da ciência, da tecnologia, das leis. Substituiu-se, então, Deus pelo Homem, entendido como um ser transcendental (não transcendente) na medida em que ele tem acesso à experiência, ao que está no espaço e no tempo, porém é capaz de pensar de forma racional, quer dizer, universal e necessária, é capaz, portanto, de regravar a experiência histórica. A esta capacidade de transcender a historicidade, de dar unidade à empiricidade, nomeou-se Sujeito. O sujeito racional seria, então, uma instância divina no homem, salvadora dele mesmo, capaz de iluminar sua experiência. A Razão seria capaz de dominar e conhecer a natureza empírica, afastando, dessa forma, os possíveis medos e angústias que invadem a mente do homem, abolindo superstições, criando leis que beneficiam a comunidade como um todo, para além dos interesses particulares (“todo homem é igual perante a lei etc.”). Assim, o Iluminismo do século XVIII, foi um movimento humanista e cético em relação a Deus e em sua radicalidade, foi até mesmo ateu. No entanto, inaugurou outra transcendência, a Luz, a Razão no homem. Sem dúvida que este mesmo homem também era visto em sua dimensão natural, empírica, objetiva. Então o homem passou a ser visto em uma dupla condição simultaneamente: empírico e transcendental, objeto e

sujeito, observado e observador, natural e racional. Foi deste movimento que supõe a natureza humana de um lado, e, de outro, uma racionalidade que possibilitou o surgimento das ciências humanas (a sociologia, a psicologia, a antropologia etc.)<sup>2</sup>

Mas, eis que logo na primeira metade do século XX, duas grandes guerras mundiais explodiram no coração da Europa racionalista, científica e tecnológica. A violência extrema, o nazismo, o fascismo, o extermínio de povos, puseram em questão o projeto Iluminista de salvação da humanidade pela luz da Razão. A promessa de redenção pela racionalidade não se cumpriu e pior, acirrou, como nunca antes na história da Europa, o conflito social, o genocídio, a barbárie, a crueldade, a perversão. Desde então, o projeto do Iluminismo foi posto em questão. Não é à toa que depois da segunda metade do século XX, o homem europeu ficou atordoado, desorientado em sua vida política, social, moral e filosófica. Ele entrou em crise novamente. Todos os fundamentos, então, foram perdidos. Deus e a Razão morreram. Se pensarmos no caso da Alemanha, sobretudo, veremos como o país é emblemático desta crise. Pois ali foi berço da cientificidade, da tecnologia, do iluminismo, da racionalidade moderna, das artes, e, no entanto, este mesmo país foi capaz de instituir um genocídio terrível como uma política de estado querida e aprovada pelo povo<sup>3</sup>.

## **2. A crise do humanismo moderno**

Não foi à toa que, passada a guerra, o pensamento da segunda metade do século XX, passou a valorizar Nietzsche, visto até então com desconfiança e estranheza pelos europeus, colocado à margem da cultura hegemônica. Jean- Paul Sartre, por exemplo, apesar de guardar ainda uma herança humanista, sacudiu a França com suas questões existenciais, sua perplexidade diante do absurdo e da contingência da vida. Heidegger

---

<sup>2</sup> Sobre este tema confira o célebre texto de Michel Foucault intitulado “As Palavras e as Coisas”.

<sup>3</sup> Sobre a relação entre o projeto iluminista e o nazismo confira o texto de Adorno “Educação após Auschwitz” In: “Educação e Emancipação”.

analisou a cultura tecno-científica como um pensamento que “esqueceu o ser” por valorizar demasiadamente o ente, a objetividade. O estruturalismo (na linguística e na antropologia) ganhou força por reduzir todo o sentido a um não sentido fundamental. Lacan retomou a psicanálise de Freud para encontrar uma cura para o mal-estar inevitável que habita nossas mentes, nossa cultura tão complexa e problemática. Michel Foucault ocupou-se em estabelecer a genealogia do homem moderno no intuito de “martelar”, como Nietzsche, o humanismo que perpassa o discurso da psiquiatria, da medicina, do mundo jurídico, da pedagogia, da sociologia etc. Enfim, em meio a esta crise de fundamentos, foi preciso que o pensamento encontrasse saídas novas, criativas, que dessem conta da desorientação completa deste homem adoecido, angustiado, perplexo diante das mudanças ocorridas.

Neste início do século XXI, verificamos que a confusão continua. Continuamos sem fundamentos, descrentes da salvação racional, desconfiados dos benefícios da ciência, (pois sabemos que tem limites, não resolve todos os nossos problemas); assustados com os poderes da tecnologia, capaz de arrasar o nosso meio-ambiente e dizimar povos inteiros; apavorados com a liberação do mercado, capaz de levar países à falência do dia para noite; descrentes de ideais políticos, pois as utopias de esquerda perderam a força com o fim do comunismo na antiga URSS e no leste europeu; angustiadados com as dificuldades afetivas de laço social, porque a família nuclear entrou em crise e o amor encontra-se desmitificado; e impotentes diante de um capitalismo avassalador, avesso ao nosso controle. Enfim, um cenário de total destruição das antigas significações.

### **3. O retorno da religiosidade recalcada no mundo contemporâneo**

Diante desta crise e sem nenhuma tábua de salvação, observamos que as seitas, as religiosidades, os fundamentalismos, renasceram com força total a ponto de estarem provocando novas guerras, conflitos por toda parte do planeta. Observamos também a força religiosa por toda parte com poder econômico e político na televisão, nas emissoras de rádio, na multiplicação de templos espalhados pela cidade, nas livrarias e

editoras, nos discursos de todas as camadas sociais e econômicas, nos aparelhos do estado que se diz laico etc. No Brasil, por exemplo, verifica-se no congresso Nacional, uma bancada poderosa que articula vários setores religiosos no sentido de tomar decisões, criar leis, votar medidas de acordo com a moral religiosa. Diante disso, nos perguntamos se estaríamos vivendo, então, um retorno à fé em meio à crise da Razão? Seria uma revanche da religião contra os avanços científicos? Como pensar este cenário? Como analisar este fenômeno religioso em massa de nosso tempo? O homem contemporâneo se vê desorientado, sem saber como educar seus filhos, como pensar uma escola renovada, como dar um rumo digno à sua própria vida, como responder às questões fundamentais. A quem recorrer? Qual o saber capaz de sustentar e dar significação à sua vida?

Outra pergunta que também nos instiga é saber qual o papel que a fé ocupa em nossos dias. Se tantas pessoas são tomadas pela crença religiosa, isto deve ser levado em conta e não simplesmente desprezado como algo menor como fazem os filósofos racionalistas ou como fez o próprio Iluminismo. O que significa ter fé? Por que ela mobiliza tantas mentes, tantas vidas? Qual é o sentido do discurso religioso?

Não vamos aqui levantar nenhuma bandeira religiosa, defender esta ou aquela crença, apenas ficamos perplexos diante deste fenômeno social que cresceu muito neste início do século, apesar de toda racionalidade, de todo avanço científico e tecnológico.

#### **4. Uma interpretação psicanalítica da religião**

Compreender a força da fé é compreender a força de uma aposta cega, de uma adesão pura, de uma entrega antes de qualquer racionalidade. A fé, de fato, vem antes da razão? São Tomás de Aquino afirmava que sim. O discurso racionalista, iluminista, que despreza a fé não tenta compreender seus mecanismos, seu funcionamento, sua importância psíquica, simplesmente não a reconhece, despreza e poderíamos até mesmo dizer, utilizando a linguagem freudiana, que o discurso racionalista recalca a

religiosidade. Aqui queremos apenas compreender este fenômeno tão presente em nossos dias como no passado.

Se partirmos da idéia de que a fé é uma aposta cega, podemos compará-la ao desejo. Quando queremos algo ou alguém, não sabemos muito bem do que se trata, quem é, não conhecemos, enfim, o desejado, porém, quando nos apaixonamos, nos entregamos, para só depois conhecermos o amado. É assim que funciona no amor, na experiência libidinosa. O movimento da libido se parece muito com o movimento da fé. Todos dois são adesões imediatas, irracionais, cegas, que antecedem a razão. Mas se ficarmos apenas com a fé sem considerarmos seu conteúdo, seu objeto, e esvaziarmos sua adesão a este ou aquele dogma, observamos que ela não somente se parece com o movimento libidinoso, como é propriamente expressão da libido. Para entender esta afirmação é preciso recorrer a Freud, à psicanálise, e entender como funciona a libido.

Em que consiste a libido, a pulsão? Trata-se de uma energia, uma força que visa encontrar um objeto que lhe dê total satisfação, um gozo absoluto, completo, apaziguador, capaz de garantir sua realização plena. O alvo da pulsão é a satisfação completa, plena. Embora seu alvo seja esta satisfação total, os objetos que ela encontra em seu percurso, no entanto, não garantem a ela o gozo almejado. A pulsão não alcança, através dos objetos mundanos, o gozo pleno por ela procurado. No caminho, só há objetos que lhe dão satisfações parciais. A paz total, o gozo pleno, o nirvana buscado, permanece como uma aspiração fadada à frustração, uma vez que na vida real só se encontra objetos que garantem uma satisfação incompleta, mediana. O sossego total não é experimentado em vida e supõe-se então que ele se confundiria com a morte, esta sim, desprovida de inquietude. No entanto, a experiência da morte não é vivida pela pulsão, não é gozada por nada, nem ninguém, uma vez que ela é uma experiência inexistente para um vivente. Assim, a pulsão confunde-se com uma força que quer sua própria extinção, seu desaparecimento, seu apaziguamento, mas que nunca alcança este estágio e acaba por se contentar com gozos menores, parciais, locais, incompletos, castrados. O apaziguamento absoluto não ocorre, a satisfação nunca é plena, o

desassossego permanece, volta, e a pulsão adere a certos objetos menores e procura realizar o gozo possível, embora seu alvo maior seja o impossível. Desejar é querer o que não há, é querer o impossível, mas como o impossível não há, a castração se impõe, e o desejo contenta-se com pequenas satisfações no mundo.

Ora, segundo este raciocínio psicanalítico, a fé nada mais é do que esta força que quer o que não há, que busca o impossível e, ao invés de perceber que o impossível é impossível, ocorre uma personificação deste além numa entidade protetora a que a fé se refere como “Deus”, a transcendência, o além, o céu, o criador, o pai garantidor da paz etc. Este lugar da plena paz é preenchido por um rosto, uma entidade, um ente, um transcendente, um nome (Deus, Jeová, Alá etc.). Este lugar não permanece vazio, ganha um desenho, é preenchido com uma fantasia delirante ou psicótica. Não por todas as pessoas evidentemente, mas para a grande maioria. São os chamados religiosos.

O problema é que cada religião vai desenhar este rosto divino com uma forma e aí ocorre um confronto entre elas. Islamismo, Judaísmo e Cristianismo (catolicismo e protestantismo aí entendidos) são configurações diferentes do além. Por isso, divergem, fazem guerra, não se entendem, disputam fiéis pelo mundo afora. Todas as religiões monoteístas acabam sendo excludentes, intolerantes, e particulares. Cada uma delas supõe que traz a verdade absoluta. O problema é que todas pensam de forma exclusivista e aí não conseguem conviver com a diversidade. Não são plurais.

Mas existe outra atitude diante deste desejo de transcender. Ao invés da postura religiosa, é possível lidar com o desejo de transcender sem necessariamente ocupar este lugar de transcendência com nenhum ente, sem dar nenhum rosto, nenhuma forma, e manter este lugar transcendente como um vazio, simplesmente como uma aspiração psíquica. Assim, percebe-se que o desejo de transcender é um movimento inerente ao funcionamento da libido. Se pensarmos até as últimas conseqüências, verificamos que, embora este transcendente seja uma aspiração psíquica, podemos dispensá-lo, não se precisa preencher este lugar, apesar de o movimento pulsional se dirigir a este lugar. A aspiração à transcendência não se confunde com um transcendente. Ela é só uma

direção do desejo que quer o que não há. Tudo se passa como se o haver quisesse não haver<sup>4</sup> Esta expressão, utilizada amplamente na obra do psicanalista MD Magno, equaciona o movimento da pulsão que visa atingir um além que não há, e como não há, ela contenta-se com objetos parciais do mundo. Trata-se de um movimento que aspira à transcendência, na imanência, sem que exista, de fato, nenhum transcendente.

É neste sentido que o movimento da pulsão, presente nas mentes das mais diversas culturas, acaba por engendrar as várias religiosidades. É interessante observar como as religiões estão presentes em todas as culturas. Por isso, apesar da crítica iluminista, da cientificidade moderna, do anúncio feito por Nietzsche da “morte de Deus”, verificamos na atualidade, em pleno século XXI, um retorno fortíssimo das seitas, das credences de toda ordem, das diversas manifestações que aspiram uma transcendência e personalizam este lugar. Seria este fenômeno um retorno da religiosidade recalcada pelo iluminismo?

Nietzsche que denunciava as religiões da transcendência como religiões niilistas porque no fundo expressavam uma negação da vida em nome do além (niilismo negativo), não percebeu que era da própria vida, do desejo, esta aspiração pela paz, pelo sossego, e daí a vontade de superação do que há. Não se trata de pensar a religião como niilista, mas como expressão da pulsão que quer o que não há e daí projeta e desenha uma figura do que não há, faz existir o inexistente. Mas se se compreende o movimento da pulsão abstraindo seus objetos, suas crenças, esvazia-se este conteúdo e permanece-se apenas com a trajetória de seu percurso, o desenho de seu movimento.

Este raciocínio desenvolvido pela psicanálise surge em meio a este momento crítico em que vivemos. Momento que se verifica como uma total desorientação do pensamento já que os antigos fundamentos ruíram. Deus e o Sujeito racional sustentaram séculos de pensamento ocidental, mas eles se mostraram frágeis, vulneráveis, inoperantes. Então, a filosofia contemporânea teve que encontrar saídas para a falta de fundamentos. Nietzsche nomeou “niilismo passivo” esta situação em que tudo se torna igual, em que o

---

<sup>4</sup> Sobre este tema do haver confira o livro “Revirão 2000/2001” de MD Magno.



“o mundo não vale a pena”, em que se apercebe que “o homem não tem jeito”, a vida não faz sentido e não há o que fazer, não há porque criar. É o momento da ausência de vontade do último homem como ele desenvolve no livro “Assim falou Zaratustra”.

A psicanálise de Freud, que evidentemente é um pensamento racional, e que coloca em análise a própria religião, abstrai todo conteúdo dogmático, toda mitologia, todo o enredo das entidades, para se ater ao funcionamento do inconsciente, ao movimento pulsional. Ela verifica que a pulsão aspira este lugar da quietude, da plenitude, e fica tentada a preencher esta aspiração com um dogma. Mas ao invés de acreditar no dogma criado, a análise percebe o movimento de transcendentalizar da pulsão sem se deixar enganar pelo transcendente, pelo conteúdo preenchido deste lugar. A análise entende a fraqueza psíquica, a tentação da mente, mas não se deixa levar pelo engano já que dispõe de um aparelho conceitual capaz de pensar um movimento de transcender sem se deixar iludir pelo transcendente.

Um pensamento laico, ateu, se se quer, é caro a Nietzsche e a Freud. Todos dois, de algum modo, tentaram analisar a religiosidade tão comum no pensamento das mais diversas culturas. Cada um aborda, a seu modo, o fenômeno religioso. Ambos vêm com muita suspeita a religiosidade de nossa cultura, mas a levam em consideração, tentando analisar os sintomas ligados a essa religiosidade.

## **5. Soluções contemporâneas para a salvação em meio à crise de fundamentos**

Sem se deixar iludir por fantasias, delírios e até psicoses, o pensamento contemporâneo de Freud e Nietzsche quer encontrar uma salvação levando em conta as forças que nos cabem, os poderes que dispomos. E de que poder dispomos? O que nos resta, o que nos pertence é a nossa força, o nosso desejo. É o que nos atravessa, nos leva, nos faz percorrer uma trajetória na vida. Mas se tudo que nos cabe é isso, há que se cuidar disso. Como? De que maneira? Trata-se de engendrar mais vontade na vontade, de estimular nossa vontade de potência, de fomentar nossa pulsão. Para isso, é necessário em

primeiro lugar, admiti-la, reconhecê-la, e dar um destino satisfatório para ela, civilizatório. Então, na ausência de fundamentos, a proposta do pensamento contemporâneo, que não apela para credices, mas reconhece a força presente em nós, a força da fé (entendida como um desejo de adesão sem levar em conta seu objeto), a existência da libido, vê como solução a proposta do cuidado. Cabe à educação contemporânea um cuidado com a pulsão já que deixar-se levar pela religiosidade seria um caminho de retrocesso, uma tentativa desesperada de reagir às mudanças do mundo contemporâneo, resgatando pensamentos já desgastados, retrógados. Assim, compreende-se as seitas contemporâneas, as diversas igrejas presentes por toda parte nos grandes centros urbanos e em todas as esquinas da periferia como um sintoma de um pensamento em crise. Crise de quê? Crise de orientação, crise de fundamentação. Perdida e sem rumo, a pulsão que nos atravessa parece precisar aderir a alguma crença, algum dogma, alguma ideologia. E uma vez que ela se apega a uma determinada religião, a um corpo ideológico, ela corre o risco de aderir de forma fanática e fundamentalista. As adesões muito arraigadas são as mais ameaçadoras por se tornarem demasiadamente violentas.

Toda a violência encontrada entre os diversos grupos sociais, sejam eles, povos, países, torcidas organizadas nos estágios de futebol, religiosos, etnias, casais, estados etc. tem como origem as adesões demasiadamente fixadas, as identidades muito rígidas, que se tornam sintomas. Sintomas porque para se aderir muito a “X” deve-se recalcar “y”. Todo sintoma é o retorno do recalçado. Se alguém se torna um torcedor fanático do flamengo, foi preciso recalcar o vasco, o botafogo, o fluminense. Toda adesão implica numa negação, numa ocultação, num recalque. Por isso, o risco das adesões muito arraigadas. Elas se tornam por demais sintomáticas. As guerras santas não se originam daí? Donde o diagnóstico freudiano de que a cura dessas adesões muito sintomáticas seria o exercício do desapego, a prática de um desrecalcamento, uma atenção para o que está oculto, para o avesso de nossos amores, pois só assim, a pulsão torna-se mais solta, mais livre de pregas sintomáticas. O cuidado com a pulsão, a cura de nossas mentes seria, então, treinar o desapego, a soltura, a desapropriação, para deixar livre a

disponibilidade da libido. Ocorre que no mundo real, o cotidiano nos leva a fazer escolhas que negam outras necessariamente. Há que se tomar decisões, optar por caminhos, apostar numa direção determinada. E se é assim, o recalque parece inevitável. Mas a clínica seria um exercício de lembrar que nossas escolhas foram apostas circunstanciais, decisões práticas que não deve se confundir com escolhas definitivas, absolutas, certeiras. Toda adesão pode ser imediatamente posta em questão, duvidada, suspensa. Ora, essa postura se opõe diretamente à postura fanática, religiosa, que esquece o ato de aderir e pensa que está diante de uma verdade absoluta, um dogma inquestionável. Donde o caráter doentio do fanatismo religioso. A crença fundamentalista mostra-se uma prisão do espírito que não consegue em nenhum momento tomar distância de um dogma, de seu objeto. Muito parecido com os crimes passionais onde, diante da recusa do amado, o amante se desespera, pois se encontra demasiadamente apegado ao objeto de amor, esquecendo-se de seu poder de amar, de seu investimento libidinal que elegeu aquele objeto como merecedor de seu amor. O perigo de nossos amores é confundir o poder de amar com o amado, a pulsão com o objeto, a fé com a crença.

## **6. A religião como fanatismo**

Assim, há uma ameaça permanente na religião na medida em que ela se torna facilmente um fanatismo. O que presenciamos no mundo de hoje são guerras religiosas com um acirramento de mentes sintomatizadas. Como curar esta doença? Como os homens podem aprender a se libertar de suas paixões? É a questão que desde sempre incomodou os filósofos preocupados em encontrar um caminho mais livre para suas vidas. E, neste sentido, a filosofia se opõe radicalmente à religião na medida em que ela trabalha contra as crenças, os dogmas, os saberes já consagrados. Sua investigação, ao contrário, põe tudo em questão, duvida de saberes já estabelecidos, suspeita da opinião vigente e prefere deixar o pensamento livre para, em cada situação, colocá-lo em exercício. Isso significa que o pensamento para se tornar ativo, saudável, prefere ficar

numa zona neutra sem aderir a x ou y. É por isso que o filósofo não tem um saber, uma doutrina, mas prefere permanecer no lugar da busca. A Filosofia, como está na etimologia da palavra, é amiga da sabedoria, mas não a possui. O filósofo é alguém que quer se situar neste lugar estranho, sem identidade, para além do bem e do mal, para além do certo e errado, porque sem forma, sem rosto, sem ideologia. E é este lugar vazio que o faz se tornar mais saudável, mais sábio, pois a suprema sabedoria, já dizia Sócrates, é saber que não se sabe. A ignorância ativa, douta, mobiliza a mente, faz mexer o senso comum, permanece na investigação, não se acomoda em nenhuma ideologia, não se apega a pensamentos pensados, mas ao pensamento pensante. A saúde está em não esquecer o ato de pensar, o ato de amar, o ato de ter fé. A doença está em se aferrar a ferro e fogo no pensado, no amado, no crível. Mais uma vez, a saúde está em lembrar o poder de desejar, não o desejado, a saúde está na rememoração da potência, não no objeto.

E a religião caminha num sentido oposto. Ela recalca a fé em nome da crença, passa a adorar uma entidade, louva um “bezerro de ouro”, agarra-se num ente, numa imagem e esquece-se da aposta cega que se fez, quando a libido andava solta buscando uma direção. Não é à toa que a filosofia se exerceu como um pensamento caracterizado pela laicidade, contando com os poderes acessíveis ao homem, disponíveis em seus aparelhos físicos e psíquicos. Sua proposta salvadora encontra-se aqui mesmo na Terra. A salvação consiste em passar de uma condição estúpida, subordinada, a uma condição mais soberana, mais autônoma, mais livre. Não se trata de garantir uma salvação em outro mundo, uma imortalidade da alma, um lugar no além. Este é o sentido de salvação religiosa. Na filosofia, diferentemente da religião, busca-se filosofar para se curar de pensamentos nefastos, de idéias fixas, de apegos desmedidos. A filosofia, desde Sócrates, se desenvolveu como uma terapia, uma “medicina da alma”, uma busca de cura, de cuidado, com o que se passa no pensamento.

## **7. Filosofia como Medicina da Alma**

Michel Foucault, em seu curso “A Hermenêutica do Sujeito”, expõe claramente o sentido da filosofia na Grécia antiga como medicina da alma. Ele desenvolve uma longa história do que denomina a cultura do “cuidado de si” (*epiméleia heautoû*) que consiste em toda uma terapêutica desenvolvida pelos filósofos que criam um tipo de conhecimento (uma *gnose*) formulado com o intuito de encontrar saídas para os desajustes mentais, para as crises de desespero, sofrimento e dor sentidas pelo homem.

Esse tipo de conhecimento gnóstico não se confunde com um conhecimento científico. Há uma diferença significativa entre esses dois tipos de saberes. Na ciência, busca-se o acesso à verdade sem que para isso seja necessário uma transformação do sujeito. O conhecimento científico, epistemológico, não exige do sujeito conhecedor uma transformação no modo de viver, uma mudança subjetiva, apenas exige metodologia, boa vontade, formação científica etc. A ciência não é um conhecimento que transforma a vida do sujeito. A verdade alcançada por ela é um dado que se apreende como uma informação útil, objetiva, mas incapaz de uma modificação no ser do sujeito, incapaz de mudar a vida de quem recorre a ela. O conhecimento científico difere em muito da sabedoria aspirada pelos filósofos. Estes, quando querem saber, querem uma verdade que transforme suas vidas, mude suas cabeças, encontrem uma serenidade capaz de minimizar o mal-estar psíquico, o sofrimento. A sabedoria desejada pelo filósofo faz com que este se modifique, se ilumine com ela. É um saber do tipo gnóstico. Visa uma salvação neste mundo e apenas neste mundo, sem aspirar uma salvação no além. Afinal, o além é uma aspiração, não uma realidade.

## **Conclusão**

Assim, tal como a ciência, a filosofia é uma busca da verdade. Mas, diferente da ciência, a filosofia quer uma verdade reveladora, transformadora da vida de quem a pensa, uma verdade dentro do campo da *gnose*. A filosofia é uma investigação que não se contenta, nem busca uma verdade objetiva, informativa, epistemológica. Sua

preocupação é encontrar uma verdade produtora, eficaz, ativa, capaz de transformar o pensamento e a vida.

E tal como a religião, a filosofia quer a salvação, porém, busca uma salvação que assegure um bem-estar psíquico, uma serenidade vivida aqui e agora. A religiosidade experimentada na cultura é vista com desconfiança e suspeita pela postura filosófica por suscitar muitas desavenças e não garantir o que prometem: uma paz de espírito. Até porque paz e espírito são termos que não se ajustam muito bem, pois o espírito é sempre inquieto, vivo, desassossegado, embora crie técnicas e exercícios capazes de minimizar esta inquietude, de diminuir seu mal-estar. O exercício de tudo pôr em questão, de não se acomodar em frases feitas, em amores muito arraigados, de não se deixar levar pelos preconceitos faz com que o espírito fique mais saudável, em movimento, fluindo com mais desenvoltura e liberdade. Por isso, a filosofia entendida assim, se aproxima da psicanálise, que, como o próprio nome diz, analisa o psiquismo, desfaz sintomas, pensa no sentido de romper com saberes fixados.

Filosofia e Psicanálise seriam, assim, caminhos na busca de uma sabedoria não religiosa, laica, não humanista, para nossos tempos. Enfrentar a crise de fundamentos, a ausência de um sentido para a vida, a falta de um centro, de uma referência, e, ao mesmo tempo, encontrar uma sabedoria de vida, uma *gaia* ciência, é o desafio colocado no mundo contemporâneo. Como superar nossas angustias, nossos medos, sem recorrer nem à Deus, nem à razão? Como superar a teologia e o humanismo sem abrir mão de uma busca de sabedoria? Para responder essas questões, Nietzsche e Freud continuam norteando nossas mentes.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

número 1 - volume 1 - 2014 - ano de lançamento

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. *Moisés e o Monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *O Futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. *Totem et Tabou*. Paris: Payout, 1971.

MAGNO, Machado Dias. A Arte da Fuga. In: \_\_\_\_\_. *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: Novamente, 2003.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. *Nietzsche, Civilização e Cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.